



---

**ENTREVISTA**  
**MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO E ROBERTO VECCHI,**  
**AUTORES DA**  
**ANTOLOGIA DA MEMÓRIA POÉTICA DA GUERRA COLONIAL**

Por Marinete Luzia Francisca de Souza<sup>1</sup>

**AS MÚLTIPLAS VOZES POÉTICAS**  
**DA GUERRA COLONIAL**

Elaborada ao mesmo tempo que o projeto de investigação “Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações”, desenvolvido no Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado da Universidade de Coimbra, a *Antologia Poética da Guerra Colonial* (2011)<sup>2</sup> organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi reflete o amplo alcance da investigação realizada, seja em relação às questões pragmáticas (recolha de textos em arquivos vários, sobretudo os militares), seja no que diz respeito ao exercício crítico. Uma rápida leitura da *Antologia* demonstra que a par dos autores canónicos (Manoel Alegre, Jorge de Sena, Fiamá Hasse Pais Brandão, entre outros), havia ainda um amplo *corpus* por revelar e, como demonstra a seleção de textos inseridos, pouco inexplorados como é, aliás, o momento pós-colonial.

A organização do livro obedece a uma ordem temática, mas também imagética, ou melhor, os textos são inseridos a partir daquilo que os organizadores consideraram “imagens fundadoras” (RIBEIRO e VECCHI, 2011, p.28) ou “imagem-tema” (entre as quais as partidas, os regressos e as memórias) da Guerra Colonial. Estes textos são acompanhados de um prefácio e de um posfácio (no qual se realiza um estudo a partir de quatro tempos históricos em que se foram agrupando os autores que escreveram sobre o tema e seus significados críticos) a partir dos quais vão sendo discutidas as relações entre as memórias individuais e as coletivas, entre “poesia”, “memória” e “memória poética”, ao mesmo tempo em que se processa uma avaliação dos impactos públicos destes textos. Reflexões que remetem para a colocação destes discursos em situações limítrofes, entre a sua “condição política” e a “condição imemorial de um tempo” (RIBEIRO e VECCHI, 2022, p.26), o que estaria, por ter deixado marcas indeléveis na cultura portuguesa, para além do que o escrito tcheco Milán Kundera denominou “memória poética” – um espaço na memória onde o ser humano guarda aquilo que o comoveu (2005, p.95)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa (investigação e ensino) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, bolsista do Programa de Doutoramento Pleno no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior.

<sup>2</sup> Ribeiro, M.C. e Vecchi, R.(Orgs.). *Antologia Poética da Guerra Colonial*. Porto: Edições Afrontamentos, 2011.

<sup>3</sup> Kundera, M. *A Insustentável Leveza do Ser*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.



Considerando estes dados, os autores organizaram a *Antologia* nas seguintes partes: “Partidas e Regressos”, “Quotidianos”, “Morte”, “Guerra à guerra”, “O dever da guerra”, “Pensar a Guerra”, “Memória da Guerra”, “Cancioneiros”, “Cancioneiro Popular” finalizando-a com a seção “Ainda”, que inclui os poemas de Fernando Assis Pacheco e de Manuel Alegre.

Estes títulos refletem também o significado deste fato histórico que foi, em primeiro lugar, um dever, a defesa do estado imperial, conforme difundido pelo regime salazarista, passando, mais tarde, a algo incômodo na cultura portuguesa. Assim, o projeto coordenado pelos dois investigadores referidos funcionou como uma espécie de catalisador para pensar as “pós-memórias” de uma guerra que esteve na contramão dos processos de libertação ocorridos em todo mundo durante os anos de 1960 (década considerada ícone da luta por liberdade individual e coletiva). Pensar a memória deste evento histórico exige, portanto, que se parta da complexidade do testemunho conjugada ao que é o Portugal do presente: um país marcado pela transmissão da vulnerabilidade social pós-traumática compartilhada com suas ex-colônias.

É por este motivo que Boaventura de Sousa Santos (2003) afirma que Portugal ocupa uma posição entre Próspero e Calibán<sup>4</sup>, ou melhor, de (ex) semi-colônia, pois, na sua opinião, o país não teria desempenhado o papel de colonizador com a mesma eficácia de seus pares europeus, partilhando com suas ex-colônias dramas próprios de uma país colonizado, o que não lhe tira as responsabilidades históricas face ao processo colonial, mas favorece uma discussão mais situada da realidade. Quer isso dizer que, em Portugal, aceitava-se ir para guerra como se aceitava a pobreza<sup>5</sup> e um dos índices deste fato histórico é o termo “ir para tropa”, usual na sociedade portuguesa, que indica que haviam duas opções, ou aceitar o destino imposto pelo estado ou imigrar, geralmente, para a França (fatos representados no poema “Partida”, de Rodrigo Emílio, incluído na primeira parte da *Antologia*, mais especificamente nos versos “o dia de ir para a tropa” ou “o dia de ir para a França” (EMILÍO *in* RIBEIRO e VECCHI 2011, p.47).

Os resultados do projeto apresentam-nos uma memória que é histórica, mas que ainda não é pública, pois encontra-se radicada no espaço familiar e é, geralmente, expressa pelo silêncio manifesto na metamorfose do pai, que foi para guerra, em um aerograma, uma carta ou uma fotografia, mas que regressou transfigurado e substituiu o emudecimento por uma presença masculina, por vezes, violenta. De acordo com os resultados apresentados na 3ª sessão do ciclo “O segun-

<sup>4</sup> SANTOS, B. S. “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. In: Ramalho, Maria Irene Ramalho e Ribeiro, António Sousa Ribeiro (orgs.). *Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 23-85.

<sup>5</sup> Para saber mais sobre o tema, sugere-se ouvir a entrevista *Europa Entrevista Os Filhos da Guerra Colonial*, de Margarida



do Século Vinte”<sup>6</sup> (Coimbra, 28/06/2012) para divulgação do projeto, este fato ocorreu em noventa e cinco por cento das casas portuguesas, apontando os resultados do trabalho para a transformação histórica dessa memória de um evento público em doméstica. Todavia, também se verificou que a recente divulgação da série televisiva *Guerra do Ultramar* (exibida pela Rádio e Televisão Portuguesa – RTP “ há cerca de quatro anos), de Joaquim Furtado, o projeto coordenado por Ribeiro e Vecchi como outras iniciativas, incluindo a publicação de memórias individuais por ex-combatentes, vem transformando tais memórias em patrimônio público a ser catalisado para uma análise mais profunda.

Concomitantemente, a recolha e o estudo dos textos poéticos apontam para a existência de uma subjetividade lírica que está para além da representação do momento histórico: das formas simples e populares às mais complexas, das cantigas à poesia musicada (caso de Zeca Afonso e outros), das formas camonianas a alguma poesia experimental. Logo, a leitura da *Antologia* indica que a recolha do material implicou, além do trabalho pragmático, num intenso trabalho crítico no sentido de pensar a poesia como portadora da memória pública contudo, como referem os autores, “ameaçada” pelo esquecimento como, aliás, foi, por algumas décadas, a própria “Guerra Colonial” (cf. RIBEIRO e VECCHI, 2011, p.23). Essa produção literária dá conta de diferentes temas e “só marginalmente comunica os padrões estéticos”, mas constitui como que “uma cartografia de rastros de eus estilhaçados por uma guerra” que reúne, em concordância com Paul Fussel (1975)<sup>7</sup> traços da representação moderna da guerra: “experiência, modernidade e representação” (cf. RIBEIRO e VECCHI 2011, p.22). Por outras palavras, a reflexão crítica funda-se na relação entre arte e poética e na capacidade que tem a poesia de fixar a experiência.

<sup>6</sup> Evento organizado pelo Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra e dedicada à Guerra Colonial portuguesa 1961-1974.

<sup>7</sup> Fussel, P. *The Great War and Modern Memory*. London: Oxford University Press, 1975.

---

## ENTREVISTA



Margarida Calafate Ribeiro



Roberto Vecchi

### **Margarida Calafate Ribeiro**

Investigadora e coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra onde integra o Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP), Margarida Calafate Ribeiro é responsável, junto com Roberto Vecchi, pela Cátedra Eduardo Lourenço, da Universidade de Bolonha. Doutora em Estudos Portugueses pelo King's College, Universidade de Londres, a investigadora é especializada no pensamento de Eduardo Lourenço. Atualmente, interessa-se pelos estudos pós-coloniais, história do império português, literatura portuguesa e de língua portuguesa, Guerras Coloniais e mulheres na guerra. É autora/organizadora, entre outras obras, de “África no Feminino: as mulheres portuguesas e a Guerra Colonial” (2007); “Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo” (2003) e *Atlantico Periferico - Il Postcolonialismo Portoghese e Il Sistema Mondiale* (org. com Roberto Vecchi, Vincenzo Russo) (2008).) e “Poesia da Guerra Colonial: ontologia do ‘eu’ estilhaçado” (2009).

### **Roberto Vecchi**

Doutor em Literatura Brasileira e Portuguesa pela Universidade de Bolonha, Roberto Vecchi é Professor Associado de Literatura Brasileira e responsável pela Cátedra Eduardo Lourenço da *Facoltà di Lingue and Letterature Straniere, Università degli Studi di Bologna* onde também coordena o Centro de Estudos Pós-Coloniais (CLOPEE). Em Portugal, é membro do Centro de Estudos Sociais participando de projetos sobre as representações da “Guerra Colonial”. No Brasil, é pesquisador do CNPq integrando o projeto “Violência e escrita literária”, coordenado por Márcio



Seligmann-Silva, Francisco Foot Hardman e Jaime Ginzburg. Entre as suas principais publicações estão “Excepção Atlântica. Pensar a Literatura da Guerra Colonial” (2010) e a organização, com Margarida Calafate Ribeiro, do livro *Helder Macedo, Da qualche parte in Africa* (2010). Os seus interesses de investigação estão relacionados com as áreas da historiografia e da teoria cultural. Dedicar-se, no caso brasileiro, à época “pré-modernista”, com trabalhos sobre autores (Lima Barreto), gêneros (a poesia pré-modernista, a narrativa antes da Semana), temas (a cidade, a emigração italiana, a ideia de moderno) e a literatura contemporânea (narrativa, o autobiografismo e memórias). Na vertente portuguesa, interessa-se por literatura de viagem e sobre a colonização do Brasil, cultura portuguesa contemporânea e representações e teoria das culturas pós-coloniais nos países lusófonos.

Marinete Souza – *O projeto “Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações” (2011) foi antecedido pelo projeto “Poesia da Guerra Colonial: uma ontologia do ‘eu’ estilizado” (2009), passando-se das memórias da “Guerra Colonial” propriamente ditas às pós-memórias da guerra (memórias dos filhos). Como decidiram dar continuidade ao primeiro projeto e o que os levou a optar por este trabalho com as memórias da “Guerra”?*

Ribeiro/Vecchi – Na verdade não foi uma questão de continuidade cronológica de estudo de memórias, como agora, à *posteriori* pode ser lido. Foi esse sentido que aproveitámos ao lançar a *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* no final do colóquio final de projeto “Os Filhos da Guerra”. Criou um ambiente de grande compreensão e cumplicidade intergeracional, para a qual, de certa forma, os resultados do projeto “Filhos da Guerra” apontavam. Mas o *élan* inicial que está na origem da *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* liga-se a vários factores e circunstâncias: a falta de atenção crítica que até então tinha sido dada à poesia da Guerra Colonial, quando por exemplo comparamos com outros tipos literários como o romance, a novela ou o testemunho; do diálogo crítico privilegiado dos dois investigadores do projeto, Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi; do estímulo crítico de António Sousa Ribeiro em relação ao paradigma europeu de poesia de guerra; da conversa e do trabalho inicial realizado pelo escritor João de Melo que, em *Os Anos da Guerra*, inicia uma primeira recolha e nos estimulou para este trabalho. Numa primeira análise o paradigma poético lançado na Europa pós Primeira Guerra Mundial cumpria-se nesta poesia e o temário também coincidia, apesar de haver uma série temática específica desta guerra, como pronunciadamente se nota na *Antologia*. De certa forma esta coincidência/descoincidência leva-nos à divisão



temática magnificamente pautada pelas fotografias de Manuel Botelho da série *confidencial/ desclassificado: marcha lenta* (2011).

Marinete Souza – *O trabalho parece ser realizado em um espaço e com um grupo de pessoas bastante amplo (entre portugueses, moçambicanos, angolanos, guineenses etc) e envolvendo distintas gerações e formas de registros (poesias, depoimentos etc). Que métodos foram empregados para trabalhar com estas diferentes subjetividades?*

Ribeiro/Vecchi – Este projeto é sobre a Guerra Colonial e portanto nesta designação contemplamos o lado português. Se contemplássemos o lado africano teríamos de falar de Guerra de Libertação. Ai encontraríamos uma poesia de luta, de empenhamento e de euforia e celebração da vitória. Pelo contrário do lado português encontramos uma poesia disfórica e de múltiplas perdas. Trata-se de uma poesia produzida por autores direta ou indiretamente envolvidos na guerra, e elaborada quer no momento da experiência direta, quer mais tarde, enquanto espaço de memória e de elaboração pós-traumática. O arco temporal da nossa recolha cobre 50 anos (1961-2011) e ao lado de nomes consagrados no universo poético encontramos muitos outros nomes. A poesia da Guerra Colonial, na sua maioria tem muitos autores que não faziam parte do universo literário, publicados em edições de autor, revistas de circulação restrita, como por exemplo revistas militares ou de associações, de estudantes, jornais, etc. A nossa recolha foi o mais possível exaustiva e de facto encontramos milhares de poemas, tendo sempre em mente o princípio de “material publicado”. Na *Antologia* procuramos mostrar toda esta diversidade e democratizar o universo poético português trazendo para a cena do texto autores que entregaram à formulação poética a sua experiência, as suas angústias, os seus sentimentos. Um outro espaço que abrimos foi o dos Cancioneiros, pois uma boa parte desta poesia foi cantada ou elaborada de forma próxima da poesia popular e essas foram duas formas de passar a mensagem contra a guerra. E é neste aspeto que esta poesia da Guerra Colonial se liga à poesia dos países em luta pela libertação, na expressão que encerram de estar do lado errado da história, de também estar em luta pela liberdade, pela paz. As secções em que dividimos a *Antologia* mostram bem a mistura de tema, género, ideologia para que de facto se pudesse construir um amplo retrato da memória poética da guerra: “Partidas e Regressos”, “Quotidianos”, “Morte”, “Guerra à Guerra”; “O Dever da Guerra”; “Pensar a Guerra”; “Memória da Guerra”; “Cancioneiros”, “Cancioneiro Popular”; “Ainda”.

Marinete Souza – *Percebe-se, pelos resultados divulgados, que há uma abordagem multidisciplinar inscrita na forma como o projeto foi pensado e na constituição da equipe com que trabalham e mesmo no conjunto das vossas publicações. Esse direcionamento aponta para um*



---

*desejo de estabelecer uma relação entre a “Guerra Colonial” e outras guerras do mesmo período e teor, como a Guerra da Argélia, por exemplo?*

Ribeiro/Vecchi – Sim, esse foi um processo mais presente no projeto “Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações”, cuja equipa tinha especialistas em literatura, teoria, psicólogos, psiquiatras, historiadores. O projeto da poesia da guerra era mais disciplinar, mas claro que disciplinar na lógica da interdisciplinaridade na disciplina. De outro modo o conhecimento fica muito pobre, da mesma forma que se apenas estudássemos o caso português. A comparação é um método analítico essencial para identificar o objeto de estudo. Como já dissemos, teoricamente falando, orientamo-nos pelo paradigma europeu lançado pela poesia da Primeira Guerra Mundial, onde por exemplo os poetas ingleses são essenciais. Toda a nova abertura do cânone poético que a Segunda Guerra Mundial traz, com novas formas de fazer antologias de poesia de guerra e depois as guerras já da pós-modernidade, mas ainda ligadas ao paradigma colonial, como a Guerra da Argélia ou da Indochina, mas também aquelas que foram já protagonizadas por outros atores, de que o exemplo máximo, em termos de imaginário ocidental e de imaginário literário, fotográfico e cinematográfico é a Guerra do Vietname, foram essenciais para pensar a Guerra Colonial e as suas expressões poéticas.

Marinete Souza – *De que modo se articulam as memórias públicas, privadas e subjetivas deste momento histórico no âmbito da análise crítica dos resultados da investigação?*

Ribeiro/Vecchi – Todas estas memórias se conjugam no momento poético e dialogam entre si no texto. A capacidade do texto poético é exatamente essa: captar a subjetividade máxima de um sujeito no momento de interação com o mundo e do mundo consigo. Há obviamente um sentimento genérico de perda muito pessoal nesta poesia – perda de juventude, perda de um país, perda de uma ilusão, perda da vida – em conflito com a memória pública. Como em muita da literatura da Guerra Colonial há um excesso de memória individual contra a falha da memória coletiva, que tende ao esquecimento, ao recalçamento, ao silenciamento. Muitos dos versos desta poesia são “ampolas vivas”, para usar um bonito verso de Assis Pacheco, que “Ainda” (para usar o poema de Manuel Alegre e a secção que encerra a nossa Antologia) explodem quoti diamente em cada casa portuguesa.

Marinete Souza – *Um dos resultados do Projeto “Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações” é a Antologia da Memória poética da Guerra Colonial publicada em 2011. A decisão de reunir textos de autores pouco conhecidos parte da identificação da ausência de uma representação ampla e pública deste momento traumático nos países de Língua Portuguesa?*





Ribeiro/Vecchi – De certo modo, ainda com uma discreta autonomia, os dois projetos se intersetaram criando um diálogo bastante proveitoso e rico. A ideia de construir uma antologia da “memória poética” (não só da poesia baseada num critério de valor exclusivamente estético) decorreu de uma ampla sondagem sobre o “património de sofrimento” (o termo é de Abi Warburg) que a guerra produziu e que é geracional, mas também intergeracional. O que o projeto dos “Filhos da Guerra” nos mostrou foi isso, e foi também, a possibilidade de elaboração de uma outra narrativa de reconhecimento e de partilha sobre a Guerra Colonial pela segunda geração. Uma reflexão que integra a geração dos pais e do momento histórico trágico que eles protagonizaram, mas também capaz de reflectir mais objetivamente sobre o que de facto foi a Guerra Colonial portuguesa. É a reflexão sobre todo esse “património de sofrimento” elaborado e reelaborado que nos permitiu repensar a poesia da guerra. No fundo, esta memória funda-se sobre um paradoxo: uma forma tão subjetiva e privada como o ato literário acaba por constituir-se numa memória aberta e ampla de uma experiência marcada por extremos (o vigor e as cores da juventude, o indizível da experiência traumática). A partir desta tensão, surge a Antologia que pretende promover uma partilha das singularidades que a poesia, como procura de comunicação não só literária, voluntária ou involuntariamente incorpora.

Marinete Souza – *Que critérios determinaram a seleção dos textos inseridos e de que modo a leitura deste conjunto textual determinou a organização e ordenação dos poemas na Antologia?*

Ribeiro/Vecchi – Perante um arquivo tão amplo (a *Antologia* é só uma parte de um todo bastante maior) organizámos a seleção a partir de alguns critérios temáticos (como acima foi exposto) que permitissem dar à experiência pessoal uma potencialidade de ressonância mais vasta e permeável, tendo em vista o objetivo (inteiramente político) de favorecer um debate e contribuisse para a definição de uma memória pública partilhável da Guerra Colonial. A obra de Fernando Assis Pacheco, *Catalabanza Quilolo e voltai* (1976) – uma reescrita sem da primeira edição que utilizava o disfarce vietnamita para falar de Angola (*Cau Kiên: um resumo*, (1972) ) forneceu-nos o palimpsesto que articula o projeto e a própria *Antologia*.

Marinete Souza – *Parece haver poemas escritos no calor da “Guerra” e poemas escritos com um certo distanciamento deste momento histórico. Que diferenças foram percebidas entres essas distintas vozes poéticas e de que modo estas memórias contribuem para uma reflexão crítica sobre a forma como os países que fizeram parte do que era nomeado “o império português” posicionam-se no momento pós-colonial?*





Ribeiro/Vecchi – Há inúmeros distanciamentos em relação à cena traumática da guerra que vão do imediatismo do desabafo pessoal ou íntimo até à não participação da guerra, ao lado feminino da observação e da partilha ou ainda à contemplação da própria guerra de longe. Estas diferenças ao mesmo tempo não prejudicam uma visão de conjunto que não é só mimética (se não só os poetas armados poderiam intervir) mas sobretudo reflexiva. Por isso, os poemas funcionam como partes de uma narração coletiva, mostrando o perfil de construção da memória que é não coincide com a experiência. Todavia, e ao mesmo tempo, sem esta não-identidade plena das recordações individuais não se poderia obter uma representação da experiência mais ampla e compartilhada. Um patrimônio, justamente, em que a imagem de estilhaço, que faz parte do título do projeto, ganha todo o sentido. Um patrimônio estilhaçado.

Marinete Souza – *Como se conjugou, ao longo da organização da Antologia e mesmo da execução do projeto, elementos mais pragmáticos como o valor documental dos textos recolhidos e elementos do campo da subjetividade como a sua complexidade testemunhal e memorial?*

Ribeiro/Vecchi – Talvez seja este o ponto de contato mais evidente entre o projeto dos “Filhos da Guerra” e o projeto da Poesia. Um forneceu ao outro uma tecnologia interpretativa que permitiu pensar algo que resistia a uma racionalização completa e se concentrava em cicatrizes que em si não falavam. Poder inscrever e combinar peças tão diferentes, pelo grau de objetividade ou de subjetividade que carregavam, enriqueceu o projeto de configuração de uma memória poética. No fundo, como ensina a tradição dos estudos subalternos, o problema não é tanto a indizibilidade de certas experiências, mas sobretudo os limites da escuta do intérprete. É por isso que perante um arquivo tão amplo, o problema era essencialmente definir uma moldura adequada da acumulação de memória que não se deixava apreender. A arquitetura da antologia responde a esta exigência.

Marinete Souza – *Considerando que o trauma da “Guerra Colonial” provoca uma vulnerabilidade social e cultural, como vocês mesmos têm afirmado em entrevistas e conferências, como foram pensadas as fronteiras entre as componentes estéticas e sociais destes textos?* •

Ribeiro/Vecchi – Foi necessária uma ampla análise e discussão entre a dimensão privada e o espaço público, entre esfera subjetiva e objetiva, entre casa e *pólis*. Deste ponto de vista, o esforço crítico foi considerável, mas felizmente os instrumentos críticos são amplos. Atuamos a partir da consciência que dos pontos de contato e proximidade entre privado e público, como observa Hannah Arendt, surge o que se pode chamar de política. Quando ficou clara a política da memória (poética) que surgia da acumulação caótica dos poemas de centenas de autores foi fácil enxergar as fronteiras, determinar o contato entre a dimensão ética e aquela estética do projeto.



Marinete Souza – *Gostariam de acrescentar algum ponto que não tenha sido referido ao logo da entrevista?*

Ribeiro/Vecchi – Agradecemos as perguntas e queremos ressaltar mais uma vez o valor político, além de científico, da *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*. Metodologicamente suporta-nos a lição de Eduardo Lourenço que, antes de muitos outros intérpretes, percebeu a importância da literatura como arquivo para discutir a ontologia contorcida de um país, antigo mas marcado de uma história largamente traumática como Portugal. Por último, uma palavra de agradecimento ao nosso editor, José Sousa Ribeiro, diretor da nossa editora, Afrontamento, que sempre se pautou pelo valor político do livro, desde os tempos da ditadura salazarista-marcelista, e que desde o primeiro momento acarinhou o nosso projeto e tornou possível que ele chegasse ao público.

Entrevista concedida em outubro de 2012.  
Aceita para publicação em novembro de 2012.